

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE
ANO 5 - NÚMERO 2 - MARÇO/1988

CRIADO PELA LEI MUNICIPAL Nº 1.182 DE 20/03/1972 NA GESTÃO DO
PREFEITO HARALD KARMANN, TENDO SIDO SEU 1º DIRETOR A.B. SCHNEIDER

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE - PMJ
PREFEITO: WITTICH FREITAG

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE - FCJ
PRESIDENTE: HERMES RUCK

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE - AHJ
DIRETORA: RAQUEL S. THIAGO

HISTORIADORA E TRADUTORA
ELLY HERKENHOFF

TRADUTORA
MARIA THEREZA BÜBEL

ARQUIV HISTÓRIC DE JOINVILLE - AHJ
a.1, n.1, out./1983 - Joinville, 1983

TRIMESTRAL

I. Joinville - História - Periódicos
CDU 908(816.42J)(05)
CDD 981.64005

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

ÍNDICE

"A Liderança de Abdon Baptista"

Raquel S.Thiago..... 4

"Fundação e Início da Cidade de Joinville"

Tradução: Rosa Herkenhoff..... 7

"Obras Raras"

Maria Thereza Böbel..... 15

"Relatório Trimestral"..... 18

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

A LIDERANÇA DE ABDON BAPTISTA

Raquel S.Thiago

Quem visse aquele jovem médico baiano, em 1880, recém chegado em São Francisco do Sul, possivelmente não imaginaria que ele estava fadado a ser um dos maiores líderes da vida econômica e política do nordeste catarinense. Estamos falando de Abdon Baptista.

Adepto do Partido Liberal, já de chegada fez amizade com o Coronel José Antônio de Oliveira, grande comerciante em São Francisco e em 1884 casou-se com a filha deste, D. Teresa Nóbrega de Oliveira. Sogro e genro passam a caminhar juntos nas lides políticas de São Francisco e em 1883 Abdon Baptista surge como candidato Liberal a Deputado Provincial (Estadual), estreando na vida política. Derrotado pelo Conservador Frederico Brustlein, persiste na luta e em 1884 seu sogro, o Coronel Oliveira, compra o jornal joinvilense "O Globo" e transforma-o no "O Democrata", especialmente para fazer a campanha do Partido Liberal. A fim de atingir o eleitorado estrangeiro, principalmente durante a campanha contra o Conservador Taunay, Baptista e seu sogro editavam o semanário "Neue Kolonie Zeitung", em alemão. O resultado foi a eleição de Abdon Baptista para Deputado Provincial em 1884. Destacando-se na Assembléia Legislativa Provincial, fez parte da Comissão de Obras Públicas. Em 1887 foi eleito Presidente da Câmara (Prefeito) de São Francisco do Sul.

Abriam-se as portas da política para Abdon Baptista exatamente no momento em que o quadro econômico de Joinville promovia a liderança luso-brasileira. É explicável: após a abertura da Estrada Dona Francisca desenvolveu-se rapidamente a atividade ervateira, que era exportada via porto de São Francisco do Sul. Assim, Joinville conquistou expressividade econômica, ligando-a a vários pontos do país e do exterior. As empresas que mais se destacaram na industrialização e comercialização da erva-mate foram de luso-brasileiros. Em 1891, vários comerciantes uniram-se e fundaram uma sociedade anônima, a "Companhia Industrial" que, com seu poderio econômico, fortaleceu a "oligarquia do mate".

A liderança econômica e social detida pela "oligarquia do mate" estendeu-se ao âmbito político. Os três principais acionistas da Cia. Industrial, Ernesto Canac, Procópio Gomes d'Oliveira e Abdon Baptista, estiveram, com alguns intervalos, à testa da administração municipal desde 1890 até 1921.

A análise da atuação política de Abdon Baptista, no entanto, demonstrou ser este o maior representante político da oligarquia, à qual se integrou através do seu casamento, da sua capacidade de mando e do seu tino político.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

Em 1889 chegou ao posto de Vice-Presidente (Vice-Governador) da Província de Santa Catarina e, tendo estado na Presidência por alguns períodos, afastou-se dos ideais republicanos da época. Embora homem de idéias progressistas, tais ideais representavam para ele a perda do prestígio e do poder que alcançara através de um partido monarquista.

Proclamada a República, entretanto, a liderança de Abdon Baptista se mantém, quando, aliado aos Federalistas e prefeito de Joinville, tornou a região um território de livre passagem para os revolucionários riograndenses com destino ao Paraná.

Embora desgastado pela derrota dos Federalistas em 1894 e pela intensa campanha germanista que atingia frontalmente sua pessoa, Abdon Baptista mantém seu prestígio e liderança garantidos pelos ervateiros que sentiam numa aproximação política o principal instrumento para enfrentarem os entraves burocráticos que ameaçavam sua atividade.

Com a fusão do Partido Federalista com o Partido Republicano, em 1902, e consolidada em 1905, Abdon Baptista destacou-se no Partido Republicano Catarinense como o homem do sistema para liderar a região de Joinville, tanto no âmbito municipal como no estadual e federal.

Militando na ala "laurista" do Partido, trilhou caminho diverso de outro grande líder, Hercílio Luz.

A análise dos discursos que Abdon Baptista proferiu quando da sua atuação como Deputado Federal e Senador deixa transparecer a personalidade de um político que defendeu com sutileza questões relativas à reorganização do exército e reforma eleitoral, argumentando em favor da educação, que considerava condição básica para o desenvolvimento da nação; de um político que participou ativamente dos debates na Câmara referentes às greves dos operários em 1913, manifestando-se em defesa do trabalhador, mas, também, "com muito cuidado do capital", o que o caracterizou como um industrial e parlamentar do sistema capitalista que então se consolidava no Brasil.

O declínio da política de Abdon Baptista não só ocorreu em virtude da sua idade já avançada, sua saúde abalada, mas principalmente em função do seu adversário Hercílio Luz.

Já na implantação da República, os dois líderes trilhavam caminhos opostos. Hercílio, Republicano; Abdon, Federalista. Nem a fusão do Partido Federalista com o Republicano os uniu. Como o Partido dividido em duas facções, Abdon Baptista seguiu aquela oposta à de Hercílio Luz. A oposição entre os dois culminou em 1918 com a disputa à candidatura ao Governo

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

do Estado, quando Hercílio Luz saiu vitorioso.

Entretanto, a liderança de Abdon Baptista foi consolidada de tal forma nos 40 anos em que militou na política catarinense que o "hercilismo" só penetraria, de fato, na Região de Joinville após sua morte, ocorrida em 1922.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

FUNDAÇÃO E INÍCIO DA CIDADE DE JOINVILLE

Mella Kroehne, n. Heeren
(1853-1922)

Trad.: Rosa Herkenhoff

A Colônia Dona Francisca foi fundada por uma sociedade de nome "Hamburger Kolonisationsverein von 1849" (Sociedade Hamburguesa de Colonização de 1849), que tinha adquirido as terras para a localização da colônia, do Príncipe de Joinville e de sua esposa, a Princesa D. Francisca, irmã do Imperador D. Pedro II do Brasil. Os primeiros imigrantes tiveram de lutar com enormes dificuldades, devido à má situação da área escolhida para a localização do primeiro núcleo de colonização. O engenheiro Guenther, encarregado dos trabalhos preliminares, mostrou-se incapaz, fixando de imediato o local que lhe parecia apropriado, sem pesquisas mais acuradas do terreno. Teria sido bem melhor, se o núcleo tivesse sido iniciado um quilômetro rio acima, onde o terreno é mais elevado, em solo arenoso e com ar bem mais saudável, devido à brisa do mar, que sopra desimpedida naquela direção.

Tendo o engenheiro Guenther fracassado em todos os sentidos, foi ele despedido e o sr. Schroeder assumiu a direção. Além do sr. Schroeder, ainda se encontrava aqui um procurador do Príncipe de Joinville, o sr. Léonce Aubé, encarregado de zelar pelos interesses não somente do Príncipe, mas também de seu irmão, o Duque de Aumale, os quais possuíam, ambos, extensas terras, tanto aqui no núcleo como também nos arredores. Tanto o sr. Aubé como o sr. Schroeder muito fizeram pelo bem da Colônia, em estreita colaboração.

O diretor, evidentemente, viu-se diante de tarefa difícil, a braços com as inúmeras e justas reclamações. O núcleo estava em área tão baixa, que qualquer aguaceiro mais forte e a maré alta provocavam inundações e este fato, aliado à má alimentação, talvez tenham motivado o surgimento de graves epidemias, como a desintéria, o tifo e febres altas, que foram causando muitas vítimas fatais entre os imigrantes. Em Hamburgo, toda e qualquer pessoa que se dispunha a emigrar, era aceita, fosse ou não fosse apta para a colonização. Assim, o terceiro navio expedido para a Colônia, o "Gloriosa", trouxe passageiros, na grande maioria pertencentes a uma classe social bastante elevada. Quando o sr. Schroeder, foi surpreendido com a notícia da chegada de um navio com damas e cavalheiros, exclamou: "Não esperávamos damas e cavalheiros, aqui só precisamos de trabalhadores!" - No entanto, com aquela leva de imigrantes, a Colônia recebeu bom número de pessoas cultas e ainda um bom capital, o que veio influir favoravelmente em seu progresso.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

As damas e os cavalheiros foram alojados na Casa da Direção, então recém-construída, cujas paredes de barro - ainda umidas - apresentavam frestas, por onde dava para passar as mãos. Durante a primeira noite, escutando um estranho borbulhar, desceram dos seus catres e pisaram fundo na água. Um "prazer" estava reservado à família Haltenhoff, que na manhã seguinte pode pescar parte de seus móveis no rio Cachoeira, móveis estes que haviam sido descarregados na margem do rio Bucarein e que a maré trouxera rio acima.

Quanto à alimentação, os imigrantes sentiram, evidentemente, falta de muita coisa. Embora os navios de Hamburgo trouxessem para a Direção certa quantidade de produtos alimentícios, como ervilhas, farinha de trigo, carne defumada, azeites, chucrute etc, às vezes, os artigos chegavam deteriorados, o toucinho por exemplo cheio de bichos e, além disso, as quantidades também eram insuficientes. No início, as colheitas ainda eram pequenas e de mais a mais, os imigrantes tiveram de se adaptar ao preparo de pratos nacionais, como o feijão preto e as diversas espécies de batatas. Foi recebido com enorme alegria o aparecimento do aipim, introduzido pela primeira família francesa aqui imigrada. Ainda hoje em dia esta é uma das raízes mais cultivadas e só tem o inconveniente de não poder ser guardada, pois é preciso arrancá-la no dia do consumo.

O primeiro açougue foi montado por meu avô, Dr. Jur. Adolf Haltenhoff e seu genro, Friedrich Heeren, que empregaram um açougueiro, para o qual pagaram a passagem. Mais tarde aquele açougueiro assumiu a direção por conta própria, tornando-se um dos homens mais abastados da cidade.

O dr. Haltenhoff chegou pelo "Gloriosa", com a mulher, 3 filhas e o noivo da primogênita, Friedrich Heeren. A segunda filha do dr. Haltenhoff casou-se com Léonce Aubé e a caçula com o tenente Otto Niemeyer, que imigrara com boas posses e grandes ilusões e que depois de ter perdido a maior parte de seu capital, com uma plantação de café, montou uma casa de negócios.

A Colônia foi progredindo lentamente, enquanto diversas ruas foram abertas.

A princípio existia uma só via pública, a Rua Cachoeira, que partia do porto primitivo, existente no rio Cachoeira e da qual saía a rua Alemã. Foi construído o Caminho do Meio, tendo como prolongamento a rua dos Suíços, e a rua Guiguer. Mais tarde, a rua Cachoeira de Cima, partindo da estrada da Serra - que liga Joinville ao Planalto - terminando na rua do Norte. Ao longo destas ruas, foi aberta a rua do Príncipe, que beirava a possessão do Príncipe de Joinville, terminando na rua Santa Catarina e, partindo da rua do Príncipe, descia a rua do Porto até o rio Cachoeira, terminando no local mais abaixo do primeiro porto, onde foi instalado um ancoradouro, bastante melhor para as embarcações.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

O Dr. Haltenhoff alugou uma área de terra do Príncipe a cerca de 15 minutos do núcleo (agora chamado Joinville) situada à beira da Estrada da Serra, área esta que recebeu o nome de Colônia Francesa. Ali instalou um engenho de arroz, à beira de um regato, no local em que hoje se encontra a caixa de água do nosso primeiro encanamento. Não sei dizer se por conta própria ou às custas do Príncipe. No entanto após alguns anos o engenho foi desmontado e mais tarde ele instalou uma olaria. Certo dia, a população ficou apavorada, quando na propriedade vizinha à Colônia Francesa, um casal chamado Winberg, foi assassinado e, conforme se dizia, por um grupo de bugres (índios). No entanto, muitos anos mais tarde, um brasileiro, que se encontrava diante de um tribunal, aguardando a sua condenação, confessava ter assassinado também o casal Winberg em Joinville. Disse ele então, que na realidade pretendia roubar dinheiro de meu pai, Friedrich Heeren, pois sabia que o mesmo tinha vultuosa soma - pertencente à caixa da Direção da Colônia - em sua casa. No entanto, um cão enorme veio rosnando ao seu encontro, o que fez com que fugisse. Portanto aquele nosso cão, um belo Neu-Fundländer, que meu pai havia trazido da Alemanha, devemos a nossa vida.

Iniciou-se a edição de um jornal, a princípio manuscrito, mais tarde o dr. Ottokar Doerffel - que depois foi cônsul alemão durante muitos anos - comprou uma prensa na Alemanha e fundou o "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) que, mais tarde, passou às mãos do tipógrafo C.W. Boehm, e que até hoje, sob a mesma denominação, porém bem mais ampliada, faz parte da nossa imprensa local.

Foram criadas escolas. O pastor protestante Stapel fundou uma escola particular e o padre católico C. Boegershausen, como diretor do Colégio Público, conseguiu melhorar em muito o nível de ensino, cobrando dos alunos uma pequena mensalidade, tendo assim condições de contratar mais um professor e mais tarde, até vários professores. Ainda quero mencionar outra escola particular, fundada mais tarde, a Escola Feminina da sra. De Drusina, dirigida por aquela senhora e sua filha, e às quais muitas moças daqui devem a sua boa educação e a primorosa instrução, ali ministradas com grande amor e muito sacrifício.

Outros estabelecimentos escolares foram fundados, mas levaria muito longe, mencioná-los todos aqui.

A vida social igualmente foi tomando grande impulso. Foi criada a Loja Maçônica "Zum Südlichen Kreuz" (Ao Cruzeiro do Sul), muito conceituada contando com grande número de membros. A primeira sociedade de canto coral foi a "Helvetia", mais tarde surgiu o coral da "Sängerbund" (Liga de Cantores). Também se formou uma sociedade de atiradores, bem como a Sociedade de Ginástica e um pouco mais tarde uma agremiação de teatro amador, a "Harmonie-Gesellschaft" (Sociedade Harmonia). No início eram

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

apresentadas somente pequenas comédias, porém mais tarde excelentes peças, como "Die Grille" (A Cigarra), "Johannisfeuer" (Fogueira de S. João), "Preciosa", "Alt Heidelberg" (Heidelberg Antiga) e outras. Depois da agremiação de teatro amador, era a Sociedade de Ginástica a preferida, sendo os ginastas quase todos filhos de famílias de destaque, belos e robustos rapazes. As festas anuais da fundação, no mês de novembro, com apresentações de ginástica, seguidas de baile, eram ansiosamente esperadas durante o ano todo. Havia sempre um banquete e um baile todo especial ao qual, tanto as damas como os cavalheiros, compareciam de luvas, um costume hoje totalmente superado. Várias famílias de imigrantes das mais conceituadas, formaram um "Kränzchen" (Grinaldinha), grêmio este que oferecia uma reunião de 6 em 6 semanas aos associados, sendo que tais reuniões sempre decorriam na maior harmonia. Infelizmente nas noites de "Kränzchen" chovia muitas vezes - o que não impedia, de modo algum, o comparecimento maciço das famílias. Na época ainda não existiam coches em Joinville e como o local da reunião ficava um tanto afastado do centro, alugava-se uma cartoga de 4 rodas, que oferecia como assentos, sacos recheados de palha. E lá íamos nós - o vestido branco de musselina, sem o qual moça nenhuma aparecia nas festas - cuidadosamente dobrado e envolto num guardanapo branco, no colo - e lá íamos nós! No próprio local da reunião mudávamos de vestido. O local tinha o nome de "Zum Deutschen Kaiser" (Ao Imperador Alemão) e localizava-se à rua Santa Catarina, numa distância de meio hora do centro e pertencia a um senhor de nome Kalotschke. Mantinha ele, além do salão de baile, um restaurante num jardim, junto a um parque. Tudo de primeiríssima, para a época. Também aconteciam coisas como esta: um senhor de idade foi chicotear um jovem, que tinha espalhado calúnias sobre um membro de sua família. A esposa daquele senhor era mulher excepcionalmente gorda e no próximo número do "Kolonie-Zeitung" apareceram as seguintes linhas:

"No Gamprino, diz ele,
é agradável, diz ele,
senhoras distintas, diz ele,
ali dançam, diz ele,
mas ao parque, diz ele,
não vá, diz ele,
porque as lambadss, diz ele
essas, machucam muito."

Quase todos os domingos havia ali concerto e domingueira. Tomava-se café, os cavalheiros bebiam jinjibirra ou cerveja de malte (fermentada de milho) ao preço de 100 réis a garrafa e 160 réis ou, como se dizia, 5 e 8 vinténs. Passeava-se e dançava-se bastante, sendo que cada cavalheiro contribuía com 2 vinténs por dança, que depositava no prato coletor ou combinava com os músicos da orquestra, pagando de uma vez uma pataca - hoje 320 réis - por toda a tarde dançante. O Kalotschke era um gênio no

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

arranjo de todas as festas possíveis e impossíveis. Havia ali "festas de Baco", "festas de Gambrino", "quermesse" e inaugurações disto e daquilo e embora todo o mundo considerasse aquilo uma bobice, era uma ocasião para um encontro agradável e quem podia, não deixava de comparecer, exceto quando o tempo era muito ruim mesmo, pois naquela época, era infalível cair um temporal às duas horas da tarde, durante o verão. No dia 02 de dezembro, aniversário do Imperador D. Pedro II, a população era convidada a iluminar festivamente as residências. E quando em todas as janelas já luziam as 4 velinhas, eis que aparecia o Kalotschke, com festiva "marche aux flambeaux" e o costumeiro espoucar de foguetes, ele próprio puxando o grupo, com enorme bumbo, seguido pela banda de música, pelos portadores das tochas e pelo público em geral. Assim a passeata desfilava pelas ruas da Cidade, terminando a festa com baile geral.

Sempre era motivo de alvoroço, quando corria a notícia da chegada de um navio de Hamburgo, e que os passageiros viriam para Joinville na parte da tarde. Todo o mundo corria ao porto e lá se ficava, debaixo de um sol abrasador, à espera ansiosa da maré alta e à espreita de algum topo de mastro por cima das árvores, na margem do rio. Mas, quantas vezes os barcos encalhavam na Lagoa e somente vinham subindo no dia seguinte para Joinville.

De vez em quando também se organizavam cavaladas ou então piqueniques ao alto do Boa Vista, o morro que se ergue nos fundos da Colônia Francesa e de onde se avista o mar e a Lagoa de São Francisco. As senhoras eram, de um modo geral, boas cavaleiras e não havia falta de cavalos. Ninguém se mostrava tão egoísta naquela época, e quem não possuía animal e nem sela, arranjava o necessário facilmente por empréstimo. Somente existia uma dificuldade para o cavaleiro que se tivesse comprometido a conseguir um cavalo para alguma dama: prender o animal no pasto. O remédio era, madrugando, levar espigas de milho e boa dose de paciência para conseguir a presa. Geralmente era para a serraria do Príncipe, à estrada da Serra, na altura do km 18, que a cavalgada se dirigia. A acolhida dos excursionistas era sempre a mais cordial, por parte do representante do Príncipe, um ex-oficial do exército de Schleswig-Holstein e sua esposa. Outro ponto bastante visitado era Pirabeiraba, onde existe o engenho de açúcar do Duque de Aumale, assim como também o núcleo de nome Annaburg, bastante afastado, ou então se dava um passeio pelas estradas distantes da Colônia. É evidente que não faltaram episódios dos mais hilariantes naquelas excursões. Quando se tratava de um piquenique ao Boa Vista, a partida sempre se dava de manhã. As senhoras cuidavam dos comensais e da louça necessária, não podendo faltar uma grande chaleira, e os cavaleiros é que tinham de carregar tudo, e às vezes até mesmo se contratava um carregador. No alto do morro, então, acendia-se o fogo, os homens iam apanhar a água numa picada lateral, coava-se o café, estendia-se uma toalha sobre a qual se serviam

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

todas as delícias trazidas, comia-se, bebia-se, ria-se, brincava-se, até a hora da volta, na parte da tarde. Aconteceu, certa ocasião, que um grupo de excursionistas, na descida do Boa Vista errou o caminho, entrando em outra picada. E, não conseguindo encontrar a passagem certa, o grupo viu-se obrigado a pernoitar em pleno mato, saindo na manhã seguinte, no local de uma roça cultivada. Uma crinolina pendurada num galho de árvore, evidenciou, mais tarde, o lugar por onde o grupo errante tinha passado durante a noite - Felizmente uma calida noite de verão.

As condições de serviço postal e telegráfico eram tristes. A estação telegráfica mais próxima localizava-se em São Francisco e um telegrama, frequentemente, chegava a Joinville com dias de atraso. O correio vinha por via terrestre de Desterro, duas vezes por mês.

O dr. Haltenhoff ocupou vários cargos públicos, por diversos períodos, sendo Juiz de Paz, por ocasião da guerra entre o Brasil e o Paraguai. Como também aqui houvesse recrutamento, soldados brasileiros varejavam as matas, prendendo os jovens brasileiros e trazendo-os, muitas vezes amarrados, à presença do Juiz de Paz, que providenciava o seu encaminhamento. Nunca esquecerei as cenas trágicas desenroladas, quando os coitados eram trazidos, trêmulos e chorosos, às vezes acompanhados por parentes. É provável que nenhum deles tenha regressado no final da guerra.

É impossível, para quem não viveu aquela época, fazer uma idéia do alvoroço reinante na Cidade, em vésperas de uma eleição. Até mesmo as mulheres eram contagiadas. A princípio havia uma só eleição, a do presidente da Província. Depois que Joinville foi elevada a município, realizavam-se as eleições dos conselheiros da Câmara Municipal. Liberais e Conservadores guerreavam-se ao extremo, já semanas antes da eleição e os chefes dos partidos, acompanhados por seus cabos eleitorais, varejavam as matas e os rios, a cavalo e a canoa, com o intuito de assegurar os votos dos caboclos para o seu partido. Estes nunca passavam tão bem como antes e durante as eleições. No dia marcado eram eles então reunidos em determinados locais e de lá conduzidos em grupos à sede da eleição - severamente vigiados pela frente e pela retaguarda, para que nenhum deles pudesse ser capturado pelo partido oposto. O local da eleição era a igreja católica e, segundo a prescrição, ninguém podia ali adentrar de pés descalços. Deste modo, cada partido precisava ter à disposição boa quantidade de sapatos, que os eleitores calçavam no momento da entrada e tiravam depois de votarem. Quando se tratava de pés excessivamente grandes, era a vez dos tamancos a substituírem os calçados. Para muitos, o resultado das eleições era também questão até mesmo de sobrevivência. Quem dependia do Governo - como era o caso do meu pai, Friedrich Heeren, engenheiro provincial podia contar na certa com a sua

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

demissão, caso um presidente do partido oposicionista tomasse as rédeas do governo, porque este então, tinha de prover os seus compadres. Por isso mesmo é que meu pai, mais tarde, deixou a aquele cargo, entrando para o serviço do Príncipe de Joinville, sob a direção do procurador do Príncipe, sr. Brustlein, sucessor dos srs. Aubé e Mathorel, tendo meu pai permanecido nesse cargo até o seu falecimento.

O sr. Brustlein é digno dos maiores encômios, pelo muito que fez em prol da Colônia, onde gozava de grande conceito e de profunda estima por parte da população. Era ele uma pessoa extremamente humana, pronto a ajudar onde fosse possível, sendo que esse traço vinha beneficiar, em primeiro lugar, aos arrendatários das terras do Príncipe de Joinville. Durante quatro anos, foi ele superintendente da Câmara Municipal - sendo o único a ocupar o cargo, sem qualquer remuneração. Durante todo aquele período trabalhou ele de modo excepcional em prol do bem-estar e do progresso de Joinville. Mandou também melhorar o leito do rio Cachoeira, colocar balizas no canal da Lagoa, a fim de evitar o encalhe dos barcos no mangue e ainda providenciou a vinda de um vaporzinho, que passou a fazer o trajeto a São Francisco, diariamente em 3 horas, quando antes a mesma viagem durava dias. Este foi um dos melhoramentos de vital importância para a Colônia. Foi igualmente o sr. Brustlein que mandou plantar a nossa tão célebre Alameda das Palmeiras Reais.

A visita de personagens ilustres, como o presidente da Província, constituía um acontecimento de maior relevância. Como naquela época não houvesse hotéis aqui, o diretor da Colônia se via na obrigação de hospedar os visitantes em sua residência, se possível. Lembro-me bem da visita de um presidente, particular amigo de meu pai, com o nome bem brasileiro, dr. Adolfo de Barros Cavalcanti Albuquerque Lacerda. Estava, pois, anunciada a visita e o vapor procedente de Desterro chegaria em determinada data a São Francisco. Em casa do diretor Niemeyer tudo ficou de pernas para o ar. Era preciso arrumar quartos para os visitantes, arranjar a louça necessária para o banquete, comprar perus, marrecos e galinhas. No dia marcado, 3 homens foram destacados para vigiarem do alto de um morro nas proximidades do porto, a entrada do navio em São Francisco, com a incumbência de soltarem 3 foguetes na hora da chegada do navio. Todo o mundo estava com a atenção voltada para o morro - e eis que espouca um foguete! Sem esperarem pelos outros 2 sinais, todos se lançam à faina: matam-se as aves, preparam-se os petiscos, cozinham-se os mais variados pratos - e algumas horas depois, vem a notícia de que o foguete havia disparado por descuido! O navio não tinha entrado no porto e foi somente no dia seguinte que chegou. Acabaram vários dos pratos se estragando, pois estávamos em pleno verão. Após a chegada do presidente, realizou-se grande banquete e no dia seguinte, após a inspeção geral da Colônia, houve um sarau dançante à noite para o qual foram convidadas as famílias amigas.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

No dia do 25º aniversário de fundação da Colônia, foi organizado uma exposição que durou 3 dias. No segundo dia, um cortejo alegórico percorreu as ruas de Joinville. Alguns carros eram dedicados à sátira, outros mostravam ranchos com os desbravadores da floresta e uma grande embarcação, lindamente enbandeirada e montada sobre rodas, seguia lentamente. A alegria e a animação eram tão grandes e tão contagiantes, que muitos participantes nem tiveram tempo de respirar durante aqueles três dias.

-----x-----

Termina aqui o relato de Mella Kroehne, porque infelizmente extraviou-se a continuação e o final do tão precioso depoimento.

A tradutora.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

OBRAS RARAS

O acervo da biblioteca do Arquivo Histórico de Joinville é rico em obras raras, que estamos selecionando e identificando através de um projeto em conjunto com a Biblioteca Nacional.

No intuito de divulgarmos estas obras que podem ser do interesse do leitor, Thereza Böbel realizou pequena análise das mesmas, que, a partir deste número passamos a relatar.

SPENGLER, Joseph. Anfangsgründe der Rechenkunst und Algebra. (princípios básicos de aritmética e álgebra). Augsburg, Ed. Matthäus Rieger, 1779, 363 p.

PAULSEN, P. Antrittspredigt. (Sermão de posse). Altona, Ed. Karl Aue, 1837, 17 p.

Este sermão sobre Romanus, Cap. I, V. 16, foi proferido pelo Diretor e Supremo Conselheiro Consistorial Paulsen, na igreja evangélica luterana de Altona, no 11º domingo após Trinitatis, em 1837. O lucro da venda da publicação destinava-se a auxiliar as famílias de Altona, empobrecidas por um incêndio em 11/09/1837.

ANGELY, L. Vaudevilles und Lustspiele, 1. und 2. Band. (Vaudevilles e peças cômicas, 1ª e 2ª vol. Berlin, Ed. Carl J. Klemann, 1842, 22 p. (I), 192 p. (II).

Este volume contém peças satíricas, e pertenceu à Sociedade de Teatro Amador Harmonia (Harmonie-Gesellschaft) fundada em 1858 em Joinville.

FORESTER, Thomas. Norwegen und sein Volk. (A Noruega e seu povo) Original em inglês, trad. para o alemão de M.B.Lindau. Dresden, Ed. Rudolf Kuntze, 1852, 319 p.

O autor e seu amigo M. Biddulph, tenente de artilharia, britânicos, decidiram aproveitar alguns meses de férias, no verão de 1848, para, em busca de aventuras, viajar à Noruega, país até então pouco conhecido, mesmo pelos europeus. Grande parte dessa viagem foi feita a pé, sem um plano definido; hospedavam-se em casas de habitantes das pequenas aldeias por onde passavam. Descreve lugares até então desconhecidos pelo homem, belíssimos, onde a natureza era rainha absoluta. E foi com espanto que constataram que os problemas políticos que varreram praticamente toda a Europa, naquele ano conturbado, na Noruega não existiam. Sua estrutura como nação era tão de acordo com os anseios de seu povo, que não havia lugar para insatisfações. Há ainda um mapa, desenhado por M. Biddulph.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

LOBSTEIN, F. Dernières méditations (Últimas meditações). Paris, Ed. Émile Beroud, Libraire-Éditeur, 1856, 273 p.

Trata-se das obras póstumas de F. Lobstein, pastor evangélico em Basiléia, Suíça, nasc. em 1808 em Strasbourg e fal. em Basiléia, Suíça, em 1855. Foi professor no colégio de Mulhouse, pastor da igreja evangélica de Odessa, Rússia, e professor da escola de teologia de Genebra, Suíça.

THIEL, Eduard. Die Hamburger Navigations-Schule. (A escola hamburguesa de navegação) Hamburgo, St. Pauli, Ed. C.D.S. Gerrits, 1857, 148 p.

O autor era professor de navegação, e o livro acima mencionado dá respostas práticas às dúvidas daqueles que pretendiam seguir a profissão de timoneiro.

MECKLENBOURG-SCHWERIN, Hélène de. Madame la Duchesse D'Orléans. (Duquesa de Orléans). Paris, Ed. Michel Levy Frères, Libraires-Éditeurs, 1859, 239 p.

É a autobiografia da Duquesa de Orléans, nasc. 24/01/1814 e fal. 18/05/1858. Filha de Ludwig Friedrich, Grão-Duque de Mecklenbourg-Schwerin, e de Carolina de Weimar. Casou-se com o Duque de Orléans, filho do rei Luís Felipe I da França, portanto, irmão do Príncipe de Joinville, e herdeiro do trono francês. O Duque faleceu em 1842, vítima de acidente de carruagem, e a Duquesa, viúva, passou a dedicar-se exclusivamente à educação dos dois filhos, dos quais o mais novo, Duque de Chartres, viria a casar-se com a filha de Dona Francisca, Princesa de Joinville. A Duquesa de Orléans tornou-se famosa e respeitada por todos como exemplo da mulher alemã. Era também uma excepcional artista plástica.

WHITE, E. G. Licht und Finsternis. (Luz e Trevas). Basiléia, Ed. Internationale Traktat-Gesellschaft, 1890, 751 p., 1ª ed. alemã.

História da Reforma da Igreja através dos tempos, desde a destruição do templo de Jerusalem, no ano 70 d.C., até os dias atuais.

KIRCHWEGER, Anton Joseph. Annulus Platonis (Aurea Catena Homeri) oder physikalisch-chymische Erklärung der Natur nach ihrer Entstehung, Erhaltung und Zerstörung. (Explicação físico-química da Natureza, segundo sua origem, conservação e destruição) Berlin W 30, Ed. Hermann Barsdorf, 1921.

Trata-se de fac-símile de raríssima edição rosacruz, publicada em 1781 em Berlin e Leipzig. Tem por base as leis herméticas, segundo os ensinamentos de Hermes Trismegistus, nasc. em Tebas, em 1399 a.C. Recebeu ele a alcunha de "Três vezes grande" (Trismegistus) porque participou na organização das grandes escolas de mistérios, teve oportunidade de assistir à instalação do ilustre Amenhotep IV como Grande Mestre, e a honra de atuar na iniciação do sucessor de Amenhotep IV. A mais famosa obra atribuída

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

a Hermes é o "Pymander" ou "O pastor de homens". O livro (Annulus Platonis) acima citado é o de número XXV de uma coleção de escolas secretas, como alquimia, magia, cabala, maçonaria, magia negra, rosacruz, etc.

HENLE, M. A fein's Benehma. (Boas maneiras). Munique, Ed. Braun & Schneider, s.d., 51 p.

O livrinho, em caprichos a encadernação gravada a ouro, dá conselhos de boas maneiras às meninas-moças, em forma de poesias em dialeto alemão.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

RELATÓRIO TRIMESTRAL
JAN./FEV./MAR., 1988

1. TRADUÇÕES

- 1.1 Listas de Imigrantes - de 1871 a 1873 - Maria Thereza Böbel.
- 1.2 "A Visita do Coral de Münster" - Maria Thereza Böbel

2. ARQUIVÍSTICA

- 2.1 Prosseguem as atividades de identificação dos documentos manuscritos e datilografados.
- 2.2 Identificação de fotografias.
- 2.3 Levantamento e registro em fichas kardex de periódicos.
- 2.4 Ordenação dos livros por assunto.

3. PROJETOS

- 3.1 "SELEÇÃO DE OBRAS RARAS" - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras - Convênio Fundação Cultural de Joinville-Biblioteca Nacional.

Executoras: Úrsula Beckmann Moura e Jutta Hagemann.

Identificadas 258 obras raras no Arquivo Histórico de Joinville, que passam a ser publicadas a partir deste Boletim.

4. EXPOSIÇÕES

- 4.1 "Joinville - Seus Tempos, Seus Lugares, Sua Gente" de 04/01 a 10/03..... 197 visitantes
- 4.2 "Revitalização do Centro Histórico de Joinville" de 11/03 a 19/04..... 48 visitantes

5. VISITAS

- 5.1 09-12/02 - Sergei Sestrin, Coordenador de Informática, Pró-Docmento, Rio de Janeiro (RJ)
- 5.2 08/03 - 150 alunos da 3ª série do Colégio dos Santos Anjos, Joinville.
- 5.3 10/03 - 40 alunos de 1ª a 4ª série do Centro Educacional "Padre Anchieta", Joinville.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

- 5.4 11/03 - 62 alunos, pré-escolar, do Jardim de Infância "Branca de Neve", Joinville.
- 5.5 11/03 - Mathias von Kummer, Adido Cultural da Embaixada da República Federal da Alemanha, Brasília, (DF).
- 5.6 14/03 - Dra. Irene Gründer, Cônsul Geral da República Federal da Alemanha, Curitiba (PR).

6. PALESTRAS

- 6.1 03/03 - "O TEUTO-BRASILEIRO - PEREGRINO ENTRE DOIS MUNDOS" - Raquel S.Thiago. Tarde de História, no Cemitério dos Imigrantes, Joinville.

7. DOAÇÕES

- 7.1 Fiação Joinvillense S.A. - pasta com documentos sobre o esporte em Joinville.
- 7.2 Sra. Petra Parucker - fotografias diversas e um trabalho bordado da Deutsche Schule.
- 7.3 Sr. Gerhard Herrmann - uma foto antiga da cidade de Corupá (SC).
- 7.4 Sr. Gilberto Farias, da Sociedade Genealógica de UTAH, São Paulo - dois rolos de microfilmes.
- 7.5 Biblioteca Pública Municipal "Rolf Colin" - livros religiosos do Monsenhor Sebastião Scarzello, e periódicos diversos.
- 7.6 Sr. Jucemar Poleza - uma fotografia de Araquari, colorida.
- 7.7 Sr. Sérgio de Oliveira - jornais antigos, discursos de Plácido de Oliveira, fotos da Deutsche Schule.

8. ATIVIDADES DIÁRIAS

- 8.1 Correspondência
- | | |
|---------------------|----|
| 8.1.1 Recebida..... | 32 |
| 8.1.2 Expedida..... | 23 |
- 8.2 Pesquisas genealógicas..... 15
- 8.3 Consultas..... 260

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

9. QUEM ESTÁ PESQUISANDO O QUÊ.

AGAPITO, Maria Zalene Dias. - Professora
Endereço: Rua Montezuma de Carvalho, 126 - Joinville
Pesquisa: A Estrada Imperial Dona Francisca
Finalidade: Monografia.

ALBANO, Cleusa Regina. - Bancária
Endereço: Rua Guanabara, 1412 - Joinville
Pesquisa: Reforma Agrária - UDR
Finalidade: Trabalho escolar

BETTÚ, Celito. - Agente Administrativo
Endereço: Barão Rio Branco, s/n - São Francisco do Sul (SC)
Pesquisa: Histórico da Associação Joinvillense de Amadores
de Orquídeas.
Finalidade: Interesse Particular.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL "ROLF COLIN"
Endereço: Praça Lauro Müller, s/n - Joinville
Pesquisa: no jornais "A Notícia" e "Jornal de Joinville"
Finalidade: Montagem de exposição.

BOSSI, Edith Marini. - Estudante
Endereço: Rua Raul dos Santos, 60 - Joinville
Pesquisa: Fundação de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar.

CONCEIÇÃO, Sabrina B.da. - Estudante
Endereço: Rua Arno W. Doeblner, 1095 - Joinville
Pesquisa: Cultura de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar.

CORDEIRO, Sueli Regina. - Estudante
Endereço: Rua Suburbana, 2608 - Joinville
Pesquisa: Fundação de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar.

EGGERS, Sabine. - Antropóloga
Endereço: Wilhelmstrasse, 52/17 - Viena, Áustria.
Pesquisa: Biologia Populacional de Pomerode
Finalidade: Mestrado.

EMERIM, Olga Regina Melchior. - Estudante
Endereço: Rua Aracajú, 477 - Joinville
Pesquisa: Caracterização Cultural de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar.

FRANÇA, Andreia Margarete de. - Estudante
Endereço: Rua Iririu, 2427 - Joinville
Pesquisa: Artes plásticas.
Finalidade: Trabalho escolar.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

GORNIOCK, Rose Meri. - Estudante
Endereço: Rua Prudente de Moraes, 266 - Joinville
Pesquisa: Cultura de Joinville.
Finalidade: Trabalho escolar.

GUEDES, Sandra Paschoal L. de Camargo. - Professora
Endereço: Rua Otto Boehm, 649/402 - Joinville
Pesquisa: História do Hospital Municipal "São José"
Finalidade: Doutorado.

HARDER, Patrícia. - Estudante
Endereço: Av. Santos Dumont, 208 - Joinville
Pesquisa: Cultura de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar

HUBER, Valburga. - UFRJ
Endereço: Rua Figueiredo de Magalhães, 741/312 - Rio (RJ)
Pesquisa: Literatura Teuto-Brasileira
Finalidade: Doutorado

INDALÊNCIA, Andréia. - Estudante
Endereço: Rua Xanxerê, 667 - Joinville
Pesquisa: Cultura de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar

LOLLA, Beatriz Pellizzetti. - Professora/Pesquisadora
Endereço: Rua Joaquim Nabuco, 60 - Rio de Janeiro (RJ)
Pesquisa: A influência do ideário da Revolução Francesa nas
correntes ideológicas dos imigrantes no Brasil.
Finalidade: Projeto do Centro de Estudos de História da UFRJ

MANTEUFFEL, Katia Regina. - Assistente Técnica/Estudante
Endereço: Rua João Pessoa, 681 - Joinville
Pesquisa: Histórico da Associação Joinvillense de Amadores
de Orquídeas.
Finalidade: Trabalho escolar.

MARQUES, Jacqueline Lima. - Professora
Endereço: Rua Marques de Olinda, 904 - Joinville
Pesquisa: Criação do Círculo Operário em Joinville
Finalidade: Monografia.

NASCIMENTO, José Roberto C. - Professor
Endereço: Rua Diamantina, 337 - Joinville
Pesquisa: Biografia do Governador Pedro Ivo
Finalidade: Conteúdo para Plano de Aula.

NICHURS, Morgana. - Estudante
Endereço: Rua Piratuba, 105 - Joinville
Pesquisa: Cultura Joinvilense
Finalidade: Trabalho escolar.

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

OSÓRIO, Maria da Consolação P. - Secretária
Endereço: Rua das Gardêneas, s/n - Joinville
Pesquisa: Negro em Joinville
Finalidade: Interesse particular

PASSOS, Renato Idio. Assessor Parlamentar
Endereço: Rua Santa Catarina, 1472 - Joinville
Pesquisa: Jardim Paraíso (Cubatão)
Finalidade: Incorporação do Jardim Paraíso a Joinville.

PAULI, Rosenei. - Estudante.
Endereço: Rua Modelo, 148 - Joinville
Pesquisa: Arte em Joinville
Finalidade: Trabalho escolar

PEREIRA, José Luiz. - Engenheiro
Endereço: Rua Albano Schmidt, Bl. B^a - Ap. 603 - Joinville
Pesquisa: A história do negro em Joinville
Finalidade: Apresentar publicação sobre o assunto.

SANTOS, Zilda Flores dos. - Professora
Endereço: Rua Otávio Rosa Filho, 537 - Joinville
Pesquisa: Movimento Operário em Joinville
Finalidade: Monografia

SCHLICKMANN, Cátia. - Estudante
Endereço: Rua Hugo Polzin, 112 - Joinville
Pesquisa: Caracterização da Cultura Joinvilense
Finalidade: Pesquisa escolar.

SLOMP, Regeane. - Estudante
Endereço: Rua Tenente Antônio João, 2655/al-602 - Joinville
Pesquis:: Caracterização Cultural de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar

TOBIAS, Alexandra. - Estudante
Endereço: Rua Gaipava, 116 - Joinville
Pesquisa: Artes e artistas plásticos
Finalidade: Trabalho escolar.

TORRES, Osmar. - Médico
Endereço: Rua do Príncipe, 330 - Joinville
Pesquisa: Colonização de São Bento do Sul (SC)
Finalidade: Interesse particular.

ULLMANN, Viviane. - Estudante
Endereço: Rua Caçapava, 90 - Joinville
Pesquisa: Cultura de Joinville
Finalidade: Trabalho escolar.

VEGINI, Edmundo. - Professor
Endereço: Rua Cap. Romualdo de Barros, 245/Bl.D/201 - Fpolis.(SC)
Pesquisa: A imigração italiana e alemã, no Vale do Rio São
Luís Alves (SC)
Finalidade: Interesse particular.

THE SECRETARY OF THE ARMY
WASHINGTON, D. C.
JANUARY 1, 1918

TO THE SECRETARY OF THE ARMY
FROM THE SECRETARY OF THE ARMY

RE: [illegible]

[illegible text]

[illegible text]

[illegible text]

[illegible text]

[illegible text]

[illegible text]

[illegible text]